

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL MERIDIONAL DO BRASIL

Pedro Ignácio Schmitz

Na presente publicação, buscamos apresentar a diversidade de ocupações indígenas pré-coloniais do litoral meridional do Brasil. Os dados vêm de projetos executados em momentos diferentes e com objetivos variados. Alguns assentamentos foram mais extensamente escavados, em outros se fizeram cortes estratigráficos ou simples documentação. Os dados foram reunidos buscando entender a variabilidade dos sítios, a razão da variabilidade e os sistemas de assentamento de que teriam feito parte.

O trabalho procura mostrar que a simples utilização do conceito de “sambaqui”, válido para o litoral central do Brasil, é pouco útil para entender a diversidade de ocupações do litoral meridional.

Os sítios nesse litoral são menos numerosos e potentes que no litoral central brasileiro, porque os recursos estão mais dispersos, e apresentam menores concentrações locais, tornando difícil manter assentamentos estáveis e aglomerados.

As barreiras para o interior do continente são menos acentuadas, convidando para uma circulação ampla ao longo do mar, mas também no sentido interior-litoral e vice-versa. Dessa possibilidade de circulação resulta uma variedade de assentamentos de populações sem e com cerâmica, de apanhadores e de produtores de alimentos.

Começamos pelos pré-cerâmicos.

O sambaqui do Rincão, no município de Içara, SC, está datado em 3.340 anos A.P., data que corresponde ao período médio de desenvolvimento dos sambaquis da região. Seus instrumentos líticos e ósseos são característicos dos sambaquis do litoral meridional de Santa Catarina.

Ele está instalado sobre uma duna fixada, na margem oriental de um cordão de lagoas de água doce, paralelas ao mar. Seus principais recursos de alimentação não provinham da terra firme, nem das lagoas, mas do Oceano, que distava aproximadamente mil e quinhentos metros. Para alcançá-los, supondo que a paisagem do tempo seria semelhante à de agora, teria de atravessar uma faixa de dunas movediças.

Os recursos explorados com maior intensidade estavam ligados à água salgada. Entre eles podemos mencionar os peixes, entre os quais se destacavam o bagre, a corvina, a miraguaia e o robalo. Entre os moluscos sobressaía o marisco, o moçambique e as olivancilárias; entre as aves, o pingüim e o albatroz; entre os mamíferos marinhos, o lobo marinho. Complementarmente era explorada uma variedade de caça terrestre.

Como o sítio representa sucessivas ocupações do período frio do ano, e não possui sepultamentos conhecidos, devemos supor que não seria independente, mas faria parte de um sistema de povoamento mais amplo, cujos outros componentes ainda nos são desconhecidos. Fazem falta no esquema os assentamentos das outras estações do ano e, também, o lugar de deposição dos mortos.

O *jazigo funerário* junto à desembocadura antiga do rio Araranguá, também no município de Lçara, SC, está datado de meados do primeiro milênio de nossa era. O sítio não contém cerâmica, apesar de haver numerosos sítios cerâmicos da tradição Tupiguarani em terrenos próximos. Ele está instalado sobre terraço arenoso baixo, que pouco sobressai das águas do rio; pelas águas, ou as margens deste rio, era fácil chegar ao Oceano, distante aproximadamente mil metros.

Os recursos principais eram, novamente, os da água salgada, entre os quais se destacam os peixes: o bagre, a corvina e a miraguaia. Também eram muito explorados os moluscos marinhos: mariscos, moçambiques e numerosas ostras. Estão ausentes as aves e os mamíferos marinhos, marcadores da estação do frio. Mas são importantes os mamíferos terrestres de tamanho médio, como os porcos do mato, os veados e, de forma muito especial, as antas. Entre os vegetais estão muito presentes os frutos do jerivá, palmeira que se desenvolve bem nos terraços arenosos circundantes, e os caroços carbonizados do araçá, arbusto característico da mata de restinga, que cobria o sítio. A ausência de marcadores de inverno e a presença de indicadores do período quente sugerem tratar-se de acampamentos estacionais do período menos frio do ano.

A pequena espessura dos estratos, sua disposição em círculos justapostos e a organização dos sepultamentos em quatro pequenos cemitérios e duas deposições isoladas, sugerem ocupações sucessivas, ligadas ao sepultamento definitivo dos mortos. Algumas deposições são primárias, em covas individuais. A maior parte são deposições secundárias, de esqueletos desarticulados, muitas vezes, cremados, reunidos em pequenas covas circulares, contendo de dois a onze indivíduos. indicando transporte em recipientes semelhantes a cestos. A forma de deposição secundária dos mortos indica que se trata de cemitério de população que se movia no espaço e tem um cemitério de referência, no qual permanece por algum tempo para os convenientes rituais.

Os artefatos líticos recuperados não têm semelhança com os dos sambaquis, mas com os de populações do planalto. O sistema completo de assentamento, ao qual o sítio pertenceria, provavelmente englobaria o planalto, a mata atlântica da encosta e o litoral. Sua abrangência e organização ainda precisam ser definidos.

Também foram estudados vários *sítios pré-cerâmicos* bastante grandes, com datas entre os últimos séculos antes de Cristo e os primeiros séculos de nossa era. Eles estão localizados no lado ocidental do cordão de lagoas paralelas ao Oceano, mas que não têm ligação direta com ele, na Praia do Quintão, município de Palmares do Sul, litoral central do Rio Grande do Sul. Eles distam do Oceano entre cinco e dezoito mil metros.

A maior parte está na mata de restinga e um deles num campo, mais para o interior da planície.

Os recursos explorados pelos ocupantes dos sítios da beira das lagoas provêm tanto do mar, como das lagoas e da floresta de restinga, havendo certo equilíbrio nesta apropriação. Estão muito presentes os peixes, os moluscos e a caça terrestre. Estão praticamente ausentes os animais marinhos indicadores da estação fria.

O ambiente local específico pode, entretanto, ser considerado responsável por diferentes apropriações mesmo em sítios próximos e com cronologia quase igual, como aconteceu com os sítios RS-LC-82 e 97. O primeiro tem numerosos restos de peixes de água doce e ausência de peixes de água salgada, porque as lagoas junto às quais se encontra não têm ligação com o mar. O segundo tem numerosos restos de corvina, marítima, porque a lagoa próxima deveria ter possuído um canal que a ligava ao Oceano.

No sítio, que se localiza no campo, além dos restos antes mencionados, há muitos ossos de veado-campeiro, espécie que deveria ser muito abundante neste ambiente aberto.

Se há sepultamentos humanos, eles são muito raros, tendo sido encontrados somente fragmentos inexpressivos.

A formação dos sítios é o resultado de sucessivos acampamentos estacionais; a falta de indicadores marinhos ligados ao período frio sugere que se trata de assentamentos do período quente do ano.

Os artefatos líticos, ósseos e conchíferos são inexpressivos e não atestam ligação com os sambaquis típicos do litoral meridional do Brasil.

Sem indicadores materiais mais claros das populações que ali teriam acampado, torna-se difícil atribuí-los a um sistema maior de assentamento.

Ainda foram estudados *outros sítios pré-cerâmicos*, no município de Rio Grande, na margem ocidental da Lagoa dos Patos, no Litoral Meridional do Rio Grande do Sul. Estão datados dos últimos séculos antes de nossa era.

Os recursos explorados com maior intensidade são os peixes, que entram na lagoa durante o período quente do ano, mas também são apanhados peixes que permanecem na lagoa o ano todo. Paralelamente, existe coleta intensa de frutos de jerivá, palmeira que formaria extensos bosques nos terraços formados pela lagoa, no seu contínuo recuo durante o período holocênico.

Estão ausentes nos sítios os típicos artefatos líticos dos sambaquis do litoral de Santa Catarina. Faltam igualmente os sepultamentos.

Há uma aparente continuidade entre estes sítios pré-cerâmicos e os estratos ceramistas da tradição Vieira, às vezes em sobreposição imediata.

Os sítios representam acampamentos de verão e fazem parte de um sistema de assentamento, que se estende ao menos à parte meridional do Rio Grande do Sul e à República Oriental do Uruguai.

Entre a Lagoa dos Patos e o Oceano existem outros concheiros pré-cerâmicos, mas a falta de estudos detalhados e de datas impede que os relacionemos com os que estudamos na margem ocidental.

Os sítios cerâmicos pertencem a três tradições: Taquara/Itararé, Tupiguarani e Vieira.

Grandes aldeias ceramistas estruturadas e duradouras da subtradição Itararé existem no Litoral Central e Setentrional de Santa Catarina e na ilha do mesmo nome. Dois trabalhos publicados no presente volume referem-se a materiais destes sítios, sendo um deles sobre resíduos de gorduras e resinas remanescentes em cerâmica recuperada nessas aldeias; o outro sobre marcas de esforço em esqueletos do sítio da Tapera.

As aldeias estavam instaladas à beira da água do Oceano, da qual retiravam os principais recursos de alimentação.

Os artefatos ósseos e líticos são indistinguíveis daqueles dos sambaquis.

Os sepultamentos humanos são numerosos, geralmente feitos dentro das casas, ao longo das paredes ou em pequenos cemitérios domiciliares.

Os diversos sítios parecem corresponder ao desdobramento costeiro ou marítimo de uma população que teria seus assentamentos principais no planalto meridional; na costa, a população se teria miscigenado e aculturado, progressivamente, com populações pré-cerâmicas litorâneas, mas as características de instalação e sepultamento e a numerosa cerâmica a distinguem daquelas. Sua instalação no litoral recua até o nono século de nossa era.

É muito provável que as numerosas gravuras nos penhascos voltados para o mar, que caracterizam o ambiente em que as aldeias estão instaladas, sejam produto desses novos moradores.

Foram estudados diversos acampamentos estacionais de ceramistas da tradição Tupiguarani, na margem ocidental do cordão de lagoas litorâneas, na Praia do Quintão. Os acampamentos eram feitos em cima dos sítios pré-cerâmicos antes comentados, mas também em espaços separados dentro da mata de restinga. Um dos assentamentos tinha caráter mais estável, apresentando-se como uma habitação com marcado piso de cinza, restos de esteios concrecionados e abundante material cerâmico; este possibilitou a

remontagem de várias painéis, deixadas inteiras por ocasião do abandono do lugar.

O abastecimento era semelhante ao dos sítios pré-cerâmicos do local. Não foram encontrados sepultamentos.

As datações sugerem que se trata de ocupações próximas à primeira presença européia na região.

Com uma exceção, trata-se de acampamentos passageiros e não de assentamentos duradouros. Devemos imaginá-los como ocupações especializadas, complementares, num sistema de assentamento mais amplo que incluiria aldeias estáveis, como as que se encontram na planície litorânea, um pouco mais longe da praia.

A data proveniente do sítio mais estável, 280 ± 50 anos A.P., poderia indicar que um pequeno grupo guarani, fugindo da escravidão ou da missão, se teria refugiado neste ambiente. Mas a informação que temos sobre os sítios é insuficiente para uma generalização.

Na mesma área e em alguns dos mesmos sítios foram também encontrados acampamentos de ceramistas da tradição Taquara. Frequentemente estes materiais estavam associados com cerâmica da tradição Tupiguarani, mas algumas vezes foi possível isolar pequenas ocupações exclusivamente da tradição cerâmica Taquara. Nas duas formas de ocorrência a cerâmica está representada por pequeno número de peças bem características, indicando a participação de reduzido número de indivíduos.

O abastecimento seria comparável ao dos sítios pré-cerâmicos e aos da tradição Tupiguarani da região, mas não existem boas condições para separar com precisão as camadas das diversas ocupações.

Não foram encontrados sepultamentos que pudessem ser atribuídos a esta população.

Os acampamentos litorâneos da tradição Taquara fazem parte de um sistema de assentamento muito mais amplo, que abrange a encosta do planalto, onde existem aldeias de relativa estabilidade com numerosas casas (Miller, 1967), e abrange o planalto, onde sítios com “casas subterrâneas” e jazigos mortuários em abrigos rochosos são muito numerosas (Schmitz, ed. 2002). Passageiros acampamentos litorâneos também foram observados em outras áreas do litoral meridional brasileiro. Destinar-se-iam a incorporar ao ciclo anual de abastecimento os recursos ligados à água das lagoas e do Oceano. A associação, nestas circunstâncias, com populações da tradição Tupiguarani foi registrada por primeira vez por Schmitz (1958), no vizinho município de Osório, RS.

Acampamentos do período quente do ano, mais estáveis que os anteriormente indicados, e pertencentes à tradição cerâmica Vieira foram

estudados na margem ocidental da Lagoa dos Patos, nos municípios de Rio Grande e Camaquã, RS.

Nos sítios de Rio Grande, o abastecimento estava baseado na pesca, na apanha de crustáceos e caça terrestre, porém menos intensamente nos frutos do jerivá do que nos sítios pré-cerâmicos que os antecedem. No sítio de Camaquã, a base econômica é a caça de mamíferos terrestres, notadamente o veado-campeiro e a preá.

Os raros artefatos líticos não são sambaquianos.

Não foram encontrados sepultamentos.

O período cerâmico dos sítios começa ao tempo de Cristo, estendendo-se para dentro do século XVIII.

A partir de mil anos de nossa era aparecem, em terrenos mais altos e secos, também os horticultores da tradição cerâmica Tupiguarani. A partir desta data se observam sítios com as duas cerâmicas, com ou sem adaptações recíprocas.

Como os sítios pré-cerâmicos da área, assim também os ceramistas pertencem a um sistema de assentamento mais amplo, que se espalha pelo sul do Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai.

A pergunta que fazemos a seguir é: quais são os fatores que podem responder pela observada diversidade e variabilidade. Três são, aparentemente, estes fatores: o ambiente, a cultura e a passagem do tempo.

O *ambiente* da planície litorânea apresenta recursos variados, mas distribuídos em espaços diferentes. Recursos presentes de norte a sul são os ligados ao mar, como os peixes, os moluscos, os crustáceos, os mamíferos e as aves, acessíveis de forma diferenciada, em espaços e em estações diferentes do ano. Os peixes são difíceis de apanhar, em grande quantidade, em alto mar e junto a praias retílineas. Mas os bagres, as corvinas, as miraguaias e alguns crustáceos, como os siris, entram em lagoas costeiras e estuários, no período quente do ano, para fins de reprodução ou alimentação, onde são capturados facilmente. Sítios em que este fator parece importante são: o jazigo funerário de Içara (SC-IÇ-O1), no litoral meridional de Santa Catarina; o aterro pré-cerâmico (RS-RG-49) e o aterro cerâmico (RS-RG-48) da margem ocidental da Lagoa dos Patos. No sítio RS-LC-97, em Bacopari, litoral central do Rio Grande do Sul, os peixes marinhos, especialmente a corvina, são apanhados relativamente novos, sugerindo que a lagoa próxima, a única nesta área que possui contato com o mar, teria sido apenas um local de desova e berçário para aquelas espécies e não, como nos outros casos, um espaço para o qual eles teriam migrado na estação quente do ano para se alimentar.

No período frio do ano estão disponíveis, em determinados locais da costa, lobos marinhos, pingüins e albatrozes. Esta presença é fundamental para entender a formação do sambaqui de Içara (SC-IÇ-06), que possui muitos

restos desses animais, indicando que estaria baseado na exploração de recursos hibernais.

Nas praias arenosas há moluscos bivalves e gastrópodes de fácil apanha durante todo o ano. Isoladamente, não seriam suficientes para manter uma população, nem estacionalmente, mas eles serviam de complemento para um abastecimento baseado na pesca, na caça e na coleta vegetal. Como tais, estão sempre presentes nos sítios, em maior ou menor quantidade. O sítio SC-IÇ-01 e o da Praia da Tapera, ainda podiam dispor de um grande viveiro de ostras.

Nos cordões de lagoas costeiras que não têm ligação direta com o mar, há peixes residentes, tartarugas e moluscos de água-doce, disponíveis o ano todo. Nos campos próximos eram abundantes cervídeos e roedores e na floresta de restinga havia outros mamíferos, junto com frutas e madeiras. Entre os recursos vegetais podemos destacar os produtos das palmeiras, como os do butiá e do jerivá, muito explorados em alguns sítios, por seus frutos, mas cujas folhas também seriam úteis para artesanato e para coberturas. A variedade de recursos locais, que muitas vezes caracterizam os sítios individuais, quando somados aos moluscos marinhos proporcionavam suficiente base para estabelecer acampamentos de curta duração, especialmente no período quente do ano, em que era mais fácil juntar todos estes bens. Assim parecem ter-se formado os sítios pré-cerâmicos e cerâmicos do Quintão. Neste conjunto podemos distinguir os sítios que estão na mata de restinga, que mostram uma diversidade maior de recursos utilizados, daquele único sítio que está em uma área de campo (RS-LC-96), no qual havia grande disponibilidade de veado-campeiro, o que se reflete em uma certa especialização no uso desse animal para o abastecimento alimentar.

A distribuição da maior parte desses recursos se dá em nichos, com oferecimento diferente dos bens, que vão caracterizar os sítios. Observando os recursos efetivamente explorados nos diversos assentamentos, notamos que sempre existe uma composição entre os recursos marinhos, os de água doce e os de terra firme, mas que pode variar em sua proporção relativa, pois está condicionada à prévia percepção das disponibilidades locais e regionais e às funções previstas para o assentamento.

Assim, no litoral sul de Santa Catarina, temos ocupações rápidas, no período quente do ano, de um grupo caçador, para funções rituais, numa área muito rica em peixes anádromos, ostras e caça terrestre, junto à desembocadura do rio Araranguá (SC-IÇ-01), onde explora, seletivamente, os recursos locais. Na proximidade, em ambiente muito parecido, observamos ocupações sucessivas de uma população sambaquiana (SC-IÇ-06), que usa as disponibilidades da estação fria, quando aves e lobos marinhos aí são abundantes.

Mais para o sul, no Litoral Central do Rio Grande do Sul, caçadores pré-cerâmicos constroem a sobrevivência jogando, de forma variada, com as

disponibilidades locais. Variações nessa disponibilidade podem resultar da ligação de uma lagoa com o mar ou a falta desta conexão, da predominância de um ambiente de mata ou de campo. Assim no sítio RS-LC-82, junto à Lagoa da Porteira, sem ligação com o mar, só ocorrem peixes de água doce; já no sítio RS-LC-97, cuja lagoa próxima possui uma conexão com a água salgada, ocorre maior quantidade de peixes marinhos. Por outro lado, tanto RS-LC-82 como RS-LC-97 parecem ter explorado uma diversidade maior de recursos alimentares, ligados às lagoas, ao mar, à mata de restinga e ao campo, enquanto que em RS-LC-96 predominam os recursos ligados a um desses ambientes, o campo, e a um tipo de recurso em especial, o veado-campeiro. Nessa mesma área também existem acampamentos transitórios formados por pequenos grupos de horticultores, tanto da tradição Tupiguarani, quanto da tradição Taquara. Os da tradição Tupiguarani, que melhor conhecemos, buscavam principalmente moluscos marinhos; ocasionalmente se fixavam por mais tempo, talvez utilizando os terraços arenosos para algum cultivo e explorando de forma ampla e generalizada os recursos naturais, inclusive os peixes marinhos.

Outro fator que devemos considerar, a fim de compreendermos a diversidade e a variabilidade dos sítios estudados, é a *tradição cultural* e o *nível de integração* da população que os produziu. Aqui não basta separar populações pré-cerâmicas de populações ceramistas, mas será necessário distinguir, também, apanhadores de alimentos de produtores de alimentos. Os apanhadores de alimentos, tanto se possuem cerâmica, quanto se não a possuem, costumam mover-se mais dentro do território, em busca de recursos disponíveis em locais diferentes nas diversas estações do ano; com isso produzem assentamentos dispersos de curta duração.

Entre os apanhadores de alimentos sem cerâmica, exemplos desse comportamento territorial podem ser vistos no sítio RS-RG-49, no sul da Lagoa dos Patos; na ocupação inicial de RS-LC-82, RS-LC-96 e RS-LC-97, no litoral central do Rio Grande do Sul e, de certa forma, em SC-IÇ-06, no litoral sul de Santa Catarina, todos relacionados a ocupações pré-cerâmicas. Os sítios das duas primeiras áreas devem compor um grande sistema de assentamentos de caçadores pré-cerâmicos, que se movimentam constantemente dentro de um vasto território, a partir de assentamentos relativamente efêmeros. Na terceira área, o assentamento poderia representar a mobilidade sazonal de um grupo que faria parte de um sistema maior, que incluiria os grandes sambaquis da região de Laguna, um pouco mais ao norte.

Entre os apanhadores de alimentos que possuíam cerâmica, destacamos os da tradição Vieira, com assentamentos do período quente na beira da Lagoa dos Patos, como o RS-RG-48, que supomos complementados por assentamentos no interior do continente, nas outras estações do ano. De forma semelhante deveriam funcionar os sítios pré-cerâmicos locais, como o

RS-RG-49, com sítios na beira da Lagoa e outros, no interior. Há diferenças na apropriação de alimentos entre os dois tipos de sítios: no RS-RG-49 há intensa exploração dos frutos do jerivá, exploração que é muito mais reduzida no RS-RG-48; ao contrário, há intensa apropriação de crustáceos nos sítios cerâmicos, apanha que é muito pequena nos pré-cerâmicos.

Os produtores de alimentos costumam ser mais estáveis, produzindo assentamentos mais duradouros, que podem ser complementados por acampamentos destinados a variados objetivos específicos. Na região de Quintão, encontramos populações produtoras de alimentos, como as da tradição cerâmica Tupiguarani, que têm aldeias estáveis na planície litorânea um pouco mais para o interior e, com exceção de RS-LC-80, acampamentos transitórios de verão junto às lagoas litorâneas do Quintão. Também encontramos populações produtoras de alimentos, mas que ainda estão fortemente dependentes da apanha de produtos naturais, como são as da tradição cerâmica Taquara; elas têm assentamentos relativamente estáveis no planalto e na encosta do planalto, no Rio Grande do Sul, lado a lado com acampamentos rápidos de verão junto àquelas lagoas. A mesma população, na variante cerâmica Itararé, tem aldeias estáveis no litoral de Santa Catarina, baseadas só, ou principalmente, na exploração de recursos marinhos, como o sítio da Tapera.

O fator *cronológico*, por sua vez, possui em geral uma relação direta com o fator cultural. Populações de cronologias e culturas diferentes apresentam padrões de apropriação diferentes. Isto fica bem claro se compararmos o sítio RS-LC-82, pré-cerâmico, antigo, com o RS-LC-80, da tradição Tupiguarani, recente, que estão no mesmo ambiente local e não distam mil metros um do outro: eles apanham os mesmos moluscos marinhos, mas o segundo, além dos peixes de água doce, também explora os do oceano.

Em Rio Grande, sítios muito próximos, talvez genealógicamente ligados, mas de cronologias diferentes, apresentam variações consistentes na apropriação dos recursos locais: os pré-cerâmicos exploram intensamente os recursos oferecidos pelas palmeiras, e pouco os crustáceos; os ceramistas usam pouco os frutos da palmeira e muito os crustáceos, sendo comuns e predominantes para ambos os grupos os peixes que entram na lagoa durante o período quente do ano. Podemos perguntar se o que mudou foi o ambiente, a tecnologia de apropriação, ou a cultura; a população não parece ter mudado.

Por outro lado, a passagem do tempo também produziu efeitos que influenciaram a variabilidade de assentamentos dentro de um mesmo sistema cultural. Na região de Quintão, é marcante a diferença entre o assentamento representado pelo sítio RS-LC-80 e a maior parte dos outros sítios estudados, relacionados à tradição Tupiguarani. Enquanto estes últimos representam ocupações rápidas e sazonais, com pouquíssimos vestígios arqueológicos, o primeiro apresenta indícios de uma ocupação com grau de permanência relativamente maior, com a presença de uma densidade maior de vestígios,

especialmente a cerâmica. Tal diferença pode estar relacionada a momentos e contextos bastante distintos de ocupação e exploração da mesma área pelas populações da tradição Tupiguarani. A data bastante recente para RS-LC-80 implica em um contexto no qual essa população já estava sentindo, de forma bastante dramática, os impactos da frente de expansão portuguesa ao longo do litoral sul do Brasil. Deste modo, esse sítio representa o próprio sistema de assentamento Tupiguarani em desagregação, enquanto que os acampamentos, datados em um período anterior, representam parte de um sistema de assentamento ainda bem estruturado e em pleno funcionamento, o mesmo podendo ser estendido para a presença da tradição Taquara na área.

Os fatores de diversidade e variabilidade que foram apontados, ligados aos aspectos ambientais, culturais e temporais, tiveram um papel importante na estruturação dos contextos arqueológicos encontrados nas áreas que abrangem os estudos aqui realizados. Embora alguns desses fatores tivessem, em determinados momentos, exercido um peso maior nas escolhas e decisões tomadas pelas populações humanas, eles devem ser vistos em conjunto, se quisermos compreender as diferentes formas de ocupação e exploração desse ambiente economicamente rico, que é o ambiente litorâneo.

Assim, o que esse trabalho procurou mostrar é que a ocupação pré-histórica do litoral sul-brasileiro é mais complexa do que normalmente se acredita e que há muito mais formas de exploração e de organização humana que a conhecida como "sambaqui". Para entendê-las, há necessidade de muito mais trabalho, sendo enfoques diferenciados muito bem vindos.

Referências Bibliográficas

- MILLER, E.Th. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi* 6:15-38
- SCHMITZ, P. I. 1958. Paradeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). *Pesquisas, Antropologia* 2:113-143.
- SCHMITZ, P.I. (ed.) 2002. Casas subterrâneas nas terras altas do Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 58:1-175.